

## RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 366. EXPRESSIVA FIGURA DO CLERO CAMPINEIRO

No regresso de uma rápida viagem ao Sul de Minas, no início de setembro, aguardava-nos a triste notícia da morte do Cônego João Correia Machado, expressiva figura do clero campineiro e nosso confrade na Academia Campinense de Letras, na qual, aliás, tivemos o prazer de recebê-lo a fim de suceder a outra expressiva figura do clero, Monsenhor Luís Fernandes Abreu, em cadeira de que tem como patrono nada menos que o Padre José de Anchieta.

No discurso de praxe, que então proferimos, procuramos salientar a obra realizada pelo Cônego Machado (“Machadinho”, para os íntimos...) não apenas como sacerdote, mas também como cultor da história religiosa. Foi o que nos aproximou, numa época já bem recuada, em que tivemos o privilégio de tê-lo como companheiro de trabalho na antiga Faculdade de Música de nossa Pontifícia Universidade Católica. Sabendo de nossa atividade do campo da historiografia, procurou-nos um dia para expor o trabalho enorme que vinha realizando em torno da devoção de Nossa Senhora Aparecida e seu significado nos quadros da cultura brasileira.

Na época, estávamos trabalhando no preparo de um Congresso de História de São Paulo, que, efetivamente veio a realizar-se, e em cujo temário figurava um tópico relativo à história religiosa. Procuramos

interessar nosso colega na elaboração de uma monografia que nele se enquadrasse. Prontamente atendeu à sugestão e compareceu ao certame com um trabalho intitulado “Aparecida nos fastos da Independência”, apenas uma amostra, e bem expressiva, da enorme pesquisa que vinha realizando, da qual resultou meses depois um volumoso livro, para o qual, a convite tivemos o privilégio de escrever o prefácio.

O autor, de maneira muito sábia, quis evitar os aspectos puramente devocionais que seu trabalho comportaria, para ater-se aos elementos históricos e literários, elaborados à vista de exaustiva pesquisa, o que dá ao livro o necessário embasamento documental. Pesquisou em fontes não suficientemente aproveitadas; conseguiu manuscritos dos arquivos eclesíasticos, além de demorada utilização das fontes secundárias: livros, jornais, revistas, folhetos, enfim tudo o que lhe pudesse fornecer pistas para o esclarecimento de pontos ainda obscuros.

Além do livro, teve o Cônego Machado, a seu crédito, a fundação em Aparecida, de uma Academia de âmbito nacional, destinada a estudos marianistas, a “Academia Marial Brasileira”, com o objetivo de estimular pesquisas literárias, religiosas, artísticas e históricas sobre a temática mariana no Brasil. Sua preocupação marianista levou-o a participar de congressos internacionais, aos quais sempre compareceu com contribuições originais. Tornou-se a Academia Marial a “menina de seus olhos”, para usar uma banal imagem literária, tanto que, uma de suas preocupações, ao deixar Aparecida para retornar a Campinas, era o receio de não encontrar alguém realmente em condições de continuar sua obra. E, infelizmente, nem sempre as coisas correram a seu contento, para grande mágua sua. Esperamos que sua iniciativa não pereça.

Mas, não gostaríamos de ver o Cônego Machado apenas em Aparecida. Finalizaremos esta ligeira evocação à sua memória, lembrando sua maior contribuição à terra natal: a criação da paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Proença, uma das mais atuantes da arquidiocese campineira. Obra exclusiva de seu esforço e dedicação. Quando se fizer uma história do catolicismo em Campinas, um bom capítulo haverá de ser dedicado a esse empreendimento. Que Deus o tenha em sua glória! (7-10-2000).

## 367. CENTENÁRIO DE UM GRANDE EDUCADOR

Efeméride das mais significativas do ano em curso, mas que passou quase despercebida, é a que se refere ao centenário de Anísio Teixeira, uma das grandes figuras de educador de que o Brasil pode se orgulhar. É possível que as entidades ligadas diretamente à Educação a tenham comemorado, mas a ocorrência não chegou ao domínio público. Das publicações não especializadas só nos foi dado ver um número de “Brasil Rotário”, no qual se estampou excelente artigo em que se destaca a maior obra de Anísio Teixeira, que foi sua participação nas reformas educacionais empreendidas no Brasil no final da década de 20 e por boa parte da década de 30, onde seu trabalho, ao lado de Fernando de Azevedo, Almeida Júnior, Lourenço Filho e tantos outros no Rio e em São Paulo abriu realmente novos rumos para uma nova política educacional.

Não tivemos o privilégio de algum relacionamento especial com ele; apenas uma vez nos encontramos num Congresso de Educação, no Rio de Janeiro, ao qual comparecemos como jornalista responsável pela parte pedagógica do velho e saudoso “Correio Paulistano”. Mas como professor que sempre fomos ao longo de nossa já bem longa vida (mercê de Deus), foi-nos possível acompanhar sua obra através de escritos e de realizações.

Baiano de Caitité, onde nasceu a 12 de julho de 1900, foi, contudo, no Rio de Janeiro que marcou de maneira indelével sua participação na vida pública e educacional. Os quatro anos em que dirigiu o sistema educacional do antigo Distrito Federal foram suficientes para que se implantassem as bases de uma reforma ampla e profunda do ensino. E em todos os graus, do primário ao universitário, inclusive criando a Universidade do Distrito Federal, infelizmente de pouca duração, destruída pelo próprio governo federal por motivos exclusivamente políticos. Teve intensa participação em organismos internacionais, como, entre outros, a Unesco.

Anísio Teixeira, informa o articulista do “Brasil Rotário”, tinha “uma grande admiração pelo jeito americano de ser e em toda a sua obra procurou aplicar as idéias de John Dewey. Nas várias viagens dos Estados Unidos e na leitura de livros que analisam essa característica, o

educador estava sempre imaginando adaptar alguns aspectos para o Brasil. Ele não queria importar pacotes prontos, mas estudar e aplicar, com as adaptações necessárias, o sistema educacional americano”.

Ainda na década de 20 viajou pela Europa, procurando conhecer os sistemas educacionais da Espanha, Bélgica, Itália e França. Todavia, como já o mencionamos, foi dos Estados Unidos que vieram suas maiores influências, como o demonstram os diversos livros que publicou. Sua última grande obra foi a Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor. Deixando a reitoria, voltou aos Estados Unidos, onde permaneceu por três anos em atividades docentes. Retornando ao Brasil, faleceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1971.

Sua vida e obra foram objeto de uma tese de doutorado de Clarice Nunes, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, tirada em livro com o título “Anísio Teixeira: a poesia da ação”, com 644 páginas, edição da Universidade São Francisco, da vizinha cidade de Bragança. (21-10-2000)

\*

### **368. PRESENÇA PAULISTA NA HISTÓRIA DO BRASIL**

Daria um livro magnífico se alguém se dispusesse a escrever sobre o tema que tomamos para título desta nota. Embora não escrevendo o livro, cremos poder imaginá-lo, lembrando simplesmente o que ele poderia conter. E verá o leitor que não será pouco.

Citemos, pois, alguns exemplos dessa presença constante dos paulistas na crônica histórica de nosso país: auxiliando os portugueses na ocupação definitiva do Rio de Janeiro; interferindo, para pacificar, nas lutas contra os tamoios; empreendendo o apresamento indígena e, com isso, percorrendo pela primeira vez o interior das terras americanas; expandindo o povoamento pelo litoral até quase o extremo sul; ocorrendo em auxílio dos pernambucos para a expulsão dos holandeses; atendendo ao pedido dos alagoanos para a rendição do quilombo dos Palmares; abrindo as primeiras fazendas de gado no norte de Minas e na Bahia e, pelo vale do São Francisco, alcançando o interior do Nordeste, assinalando

a primitiva ocupação dos campos do Piauí; descobrindo o ouro nas Minas Gerais e, depois, em Goiás e em Mato Grosso, fundando os primeiros arraiais que se transformaram em cidades e dilatando as fronteiras até os limites extremos dos espanhóis, quase ao sô pé dos Andes; percorrendo o vale do Amazonas e grande parte da região que passou definitivamente para o Brasil após o Tratado de Madrid. Isso, no período colonial.

E depois? contribuindo decisivamente para o movimento de nossa emancipação política, abrigoando, na sua própria capital, o cenário da Independência e assinalando, com os Andradas, o sentido de integração do Sete de Setembro; assegurando, na pessoa de Feijó, a ordem e a unidade do Império; contribuindo, com a sua Faculdade de Direito, para emancipar o Brasil da tutela coimbrã e fazendo da tradicional escola do Largo de São Francisco o maior laboratório de homens públicos que já teve o Brasil; revivendo o espírito bandeirante com o ciclo do café, que garantiu para o país uma de suas maiores riquezas econômicas; construindo ferrovias e plantando cidades; introduzindo o trabalho livre e incentivando a imigração e a colonização. Isso, no período imperial.

E na República? propagando e praticamente construindo o regime republicano e consolidando-o depois das difíceis crises dos seus primeiros tempos; dominando praticamente a vida política do país durante quase toda a chamada “Primeira República”; lutando pela reconstitucionalização em 1932; marcando, com altas realizações, a vida cultural do Brasil, em todos os setores.

Que mais? E o espírito de São Paulo continua vivo e atuante, às vezes eclipsado pela força das circunstâncias ou pelas circunstâncias da força, como brasas sob o borralho, sempre pronto a reacender-se ao menor sopro. Certa vez em que reclamávamos a um colega de outro Estado do pouco que em São Paulo se estuda a história paulista, perguntou-nos ele: para que vocês querem estudar a História de São Paulo se ela é a própria História do Brasil? E o destino histórico vem, de fato, dar razão ao nosso colega, enchendo-nos de orgulho. Mas, antes de orgulho, deve encher-nos de responsabilidade... (28-10-2000)

### 369. EXPRESSIVA FIGURA DA LITERATURA PAULISTA

Assinala a data de hoje o nascimento, em 1873 e na cidade valeparaibana de Cachoeira, de Waldemar, da Silveira, uma das mais expressivas figuras literárias de São Paulo. Pouco viveu na cidade em que nasceu, pois acompanhando seus pais foi residir em Casa Branca. Diplomado pela Faculdade de Direito da Capital, foi promotor público em Santa Cruz do Rio Pardo, onde se lhe despertou o gosto pelos assuntos sertanejos, procurando a convivência dos caboclos e dedicando-se à caça e à pesca. Isso, na observação dos que sobre ele têm escrito, fê-lo encaminhar-se, literariamente falando, para os assuntos regionais, tornando-se mesmo um dos precursores desse gênero.

Pelo seu relacionamento com Euclides da Cunha, passou a visitar frequentemente a cidade do rio Pardo, onde se encontrava o escritor fluminense em trabalhos de engenharia e redigindo as primeiras notas do que veio a ser “Os Sertões”. A partir de 1905 fixou residência em Santos, onde praticamente viveu até o final de sua vida, aos 3 de abril de 1941. Ausentou-se da cidade litorânea por poucos períodos, quando no exercício de funções públicas.

Sua produção literária compreende “Os Caboclos”, contos (1921), “Nas serras e nas furnas” (1933), “Mixuangos” (1937) e “Lereias”, publicação póstuma, de 1945, esta, enriquecida com um vocabulário de expressões dialetais usadas pelo caipira paulista. Composições suas figuras em diversas seletas literárias.

No verbete que lhe dedicou em sua “Enciclopédia de Literatura Brasileira”, Afrânio Coutinho emitiu sobre ele valioso juízo que não nos furtamos ao prazer de transcrever: “Atento observador da natureza e do folclore, a sua ficção desenvolveria um tipo de regionalismo linguístico, colorido e inventivo, tendo sido, neste aspecto da linguagem, uma espécie de precursos de Guimarães Rosa (...) Ao lado de Afonso Arinos e Simões Lopes Neto, é tido como um dos iniciadores do regionalismo, ao nível do aproveitamento literário do coloquial brasileiro”.

Por sua vez, José Aderaldo Castello caracterizou de maneira muito feliz a predominância temática em Waldomiro Silveira: “A predominância é dos ‘casos’ de amor do homem sertanejo, na sua rudeza e autenticidade, raramente dramatizados, quase sempre de identificação

amorosa recíproca, poucas vezes de desencontros; também há caçadas, pescarias, a presença de animal - cachorro e cavalo -, doenças, festividades populares, canto, dança, leilão. Enriquece-se a obra com traços freqüentes de cultura popular, quando, então, a linguagem surge impregnada de frases feitas, ditos populares, superstições, credices, sobrenatural. Essa impregnação cultural apoia-se no vocabulário considerado típico, em parte resultante de deformações, registrado foneticamente, adequado à expressão do sentimento caboclo, da sua psicologia, ao mesmo tempo em harmonia com a elaboração literária do discurso do narrador”. (“Literatura Brasileira: origens e unidade”, II: 37).

Escusas pelo alongamento da transcrição, mas ela nos pareceu tão precisa e adequada, que dificilmente alguém caracterizaria melhor a predominância temática no autor paulista que nos comparamos em evocar. (11-11-2000).





